

# **A PAISAGEM NATURAL E OS ELEMENTOS SOCIOCULTURAIS DO PROJETO DE ASSENTAMENTO NAZARÉ-AM**

Marcos Afonso Dutra<sup>1</sup>  
Artemis de Araújo Soares<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este artigo tem por finalidade apresentar um relato acerca dos aspectos políticos, econômicos e sócio culturais presentes no Projeto de Assentamento Nazaré-AM. No primeiro tópico o leitor irá encontrar uma breve exposição acerca da paisagem natural que emoldura o percurso entre o Porto da Feira da Manaus Moderna até a chegada no ancoradouro do Assentamento Nazaré, margem esquerda do rio Amazonas, entendemos que por se tratar de uma região aclamada pela biodiversidade, não poderíamos deixar de destacar o cenário paisagístico do trajeto. Logo em seguida, dividido em dois tópicos respectivamente, o referido artigo apresenta uma síntese sobre os aspectos políticos, econômicos e socioculturais presentes no local. Os dados (observações, informações, entrevista, etc), foram coletados durante visita a comunidade por ocasião de intervenção científica. O Projeto de Assentamento Nazaré é administrado pelo INCRA, esta especificidade assegura direitos políticos que o diferencia dos demais tipos de ocupação, porém não atenua os inúmeros desafios e perspectivas que estão imersas as comunidades localizadas a margem dos rios da Amazônia.

Palavras-chave: paisagem, aspectos socioculturais, assentamento

## **ABSTRACT**

This article aims to present an account of the political, economic and socio-cultural aspects present in the Nazaré-AM Settlement Project. In the first topic the reader will find a brief exposition about the natural landscape that frames the route between the Port of the Manaus Modern Fair and the arrival at the Anchorage of Nazaré settlement, left bank of the Amazon River, we understand that since it is an acclaimed region for biodiversity, we could not fail to highlight the scenic landscape of the route. Subsequently, divided into two topics respectively, this article presents a synthesis on the political, economic and socio-cultural aspects present in the place. The data (observations, information, interview, etc) were collected during a visit to the community on the occasion of scientific intervention. The Nazaré Settlement Project is managed by INCRA, this specificity ensures political rights that differentiate it from other types of occupation, but does not attenuate the innumerable challenges and perspectives that are immersed communities located on the fringes of the Amazonian rivers.

Key words: landscape, socio-cultural aspects, settlement

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM  
E-mail: [marcosdutra30@gmail.com](mailto:marcosdutra30@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora, Professora titular da FEEF/UFAM, membro da coordenação do PPGSCA/UFAM.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma descrição acerca do Projeto de Assentamento Nazaré. A referida comunidade está localizada a margem esquerda do rio Amazonas, geograficamente está próxima à cidade de Manaus, mais precisamente 55 km desta capital. O Projeto de Assentamento Nazaré foi criado em 1988 e ocupa uma área de 2.361,8467 hectares distribuída em 121 lotes ocupados por 54 famílias (180 habitantes), informações obtidas através do INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (vide quadro anexo no interior deste artigo).

A viagem até o Assentamento tem duração aproximada de duas horas e meia, e o acesso é realizado principalmente por intermédio de transporte fluvial (barco ou lancha à jato). O trajeto é emoldurado por rios, floresta e animais, elementos naturais que fazem parte do cenário paisagístico amazônico.

O primeiro tópico deste artigo apresenta uma breve descrição acerca da paisagem faunística e florística presentes na natureza amazônica e que compõem o cenário até o Assentamento. Chama a atenção o aparecimento “sincronizado” e imprevisível dos botos, do banzeiro<sup>3</sup> causado pelo tráfego das embarcações, fazendo com que o balanço das ondas simule uma espécie de “dança das águas” e das araras vermelhas que, sempre em dupla, sobrevoam a floresta de árvore em árvore. Também é possível visualizar aspectos da cultura, como por exemplo a construção das casas que ficam a margem dos rios, elas revelam o tom estético do cenário cultural amazônico, denotam a presença do homem como sujeito responsável pelas intervenções que ocorrem nos ambientes naturais.

No segundo tópico o leitor irá se deparar com uma síntese a respeito dos aspectos econômicos, políticos e culturais presentes no Projeto de Assentamento Nazaré. É ressaltada a especificidade política e o modo de ocupação do espaço, afinal, trata-se de uma área de terra controlada e administrada pelo INCRA. Os aspectos econômicos, sociais e culturais também merecem destaque.

Por ocasião de nossas frequentes idas ao Projeto de Assentamento Nazaré, na condição de professor e pesquisador, entrevistamos o Sr. José Almiro Barros dos Anjos, agricultor de 74 anos e primeiro morador do Assentamento.

---

<sup>3</sup> “As populações do Amazonas definem banzeiro como o movimento das águas dos rios ocasionado pelo que está imerso e pelo o que está fora, num vai-e-vem que embala sem violência. As águas seguem um ritmo que não assusta os seres que estão na superfície e tampouco os submersos, porque a oscilação lhes é familiar.” (FREIRE, 2009, p. 91)

Observamos, registramos e fizemos o tratamento dos dados, em seguida descrevermos em forma textual os aspectos citados anteriormente, o resultado compõe este científico sobre as características do Projeto de Assentamento Nazaré.

## **1.0 CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM NATURAL**

Partindo de Manaus, precisamente do Porto Fluvial denominado de Feira da Manaus Moderna, tem início nossa viagem com destino a comunidade Assentamento Nazaré. Encontramos na literatura científica fundamentos sobre a escolha do nome de santos para denominação das localidades amazônicas, constatamos que tem suas raízes em decorrência da presença das ordens religiosas católicas no período em que ocorreu o projeto de colonização e catequização do Brasil, pois “A mentalidade colonialista dos séculos XVI, XVII e XVIII encontrava-se impregnada de uma visão catequizadora e regeneradora dos territórios conquistados.” (ARAÚJO, s.a. p.18,). Por este motivo é recorrente que o nome das comunidades amazônicas estejam associadas ao nome de um santo religioso católico.

À medida que o barco vai desatracando do ancoradouro portuário a paisagem entra numa atmosfera comandada pelo ordenamento da Natureza, ou seja, a medida que ele se afasta da cidade, a paisagem urbana vai cedendo espaço para os aspectos naturais, a multiplicidade de sons emitida pelos pássaros, a variedade dos verdes e o frescor da água são características predominantes na paisagem natural. Nos escritos abaixo encontramos similaridade quanto a nossa percepção:

Durante a viagem não percebemos o tempo passar, ele parece não existir, talvez por estar mergulhada em pensamentos devaneantes, e o olhar atento a tanta coisa bela que a natureza nos dá, é que nem sempre percebemos e valorizamos. Os rios, furos e igarapés são guardiões da natureza emoldurados pela vegetação, assumindo formas multifacetadas. O curso do rio e da floresta entrelaçam vidas, revelam imagens e sons, escondem mistérios, despertam sensações e estão sempre a nos surpreender. (CARVALHO, 2006, p.18)

Por outro lado, a paisagem até o assentamento é composta também por visíveis intervenções na Natureza. Surgem no trajeto diversas comunidades, vilas e cidades localizadas a margem dos rios e que também contribuem para a formação do cenário amazônico. Esses espaços fazem frente para os rios e igarapés, sempre ladeados pela vegetação nativa, apresentam na sua composição casas de madeira, fixas ou flutuantes, com telhado de zinco. Cabe dizer ainda que, por conta do avanço tecnológico e industrial, salta os olhos o fato de que nessas casas estão afixadas no teto ou em outro local estratégico, uma antena parabólica. Assim, para

Oliveira (2008) o homem, a mulher e a paisagem das comunidades rurais ribeirinhas constituem o ponto de convergência entre a natureza e a cultura.

As transformações culturais vistas através da paisagem amazônica não param por aí. No caminho é possível verificar que o remo (instrumento de madeira construído para impulsionar a canoa) foi substituído pela rabeta<sup>4</sup> movida a óleo diesel. Este produto industrial é resultado da transformação cultural pela qual a Amazônia vem sendo submetida. Sobre a Amazônia urge:

Procurar compreendê-la num momento histórico de grandes e rápidas transformações na região: penetração do grande capital, concentração de terras para implantação de grandes projetos econômicos de origem nacional e multinacional, expulsão dos habitantes naturais, conflitos com índios, camponeses e garimpeiros, migração desordenada, expansão das redes de comunicação (televisão, rádio e antenas parabólicas), são impactos que não desprezíveis sobre a cultura, especialmente a popular amazônica. (LOUREIRO, 2001, p. 52)

Cabe dizer ainda que essas transformações têm seus impactos no cenário amazônico, evidenciando a clara relação do homem com a natureza. Nessa perspectiva “a paisagem é histórica, criada e recriada por diversos acréscimos, modificações e substituições e estão ligadas à intencionalidade dos sujeitos que nela, e com ela, se relacionam” (OLIVEIRA, 2008, p. 28).

As embarcações que vão com destino ao Assentamento Nazaré aportam no ancoradouro desta comunidade construído às margens do rio Amazonas, inaugurado em 02/09/2005, pelo então ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto<sup>5</sup>, o ancoradouro/rampa é o acesso principal dos que chegam e dos que partem desta comunidade. Após a descida do barco todos precisam escalar uma rampa íngreme de 300m que dá acesso ao chão de terra firme da comunidade. Na perspectiva de Oliveira, (2008, p. 1)

O porto é por onde se chega e se vai; ele contém a possibilidade do entendimento da cidade, pois a vida começa no porto, menos pelo movimento, mais pelo fato de ele encerrar quase tudo que a cidade possui e que nela falta. O porto é o intermédio entre o rio, a floresta e a cidade, lugar privilegiado dos enigmas amazônicos, transfigurados em enigmas do mundo, a nos interrogar sobre o nosso passado, presente e futuro. O rio, a floresta e a cidade têm no porto a fronteira entre a realidade e a ficção, possibilitando-nos leituras múltiplas de espaços-tempos diversos.

De acordo com o adágio popular “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, em 2013, após 07 anos da sua inauguração, a estrutura de concreto do ancoradouro sucumbiu, não resistindo a força das águas do rio, expondo a fragilidade da obra e tornando difícil a ancoragem de barcos e lanchas. Nas palavras de Trindade Junior *et all* (2008, p. 36) “O trapiche

---

<sup>4</sup> De acordo com matéria publica no jornal Folha de São Paulo, 13/12/2010, **rabeta** significa um determinado tipo de motor popa com uma ponte hélice que pode ser utilizado em embarcações de pequeno porte.

<sup>5</sup> Fonte: [www.agenciabrasil.ebc.com.br](http://www.agenciabrasil.ebc.com.br)

ou porto, em geral com características bem precárias, denunciando o descuido das políticas públicas urbanas em relação a uma particularidade tão ribeirinha, fazem o elo entre o rio e o interior da cidade.”

Presenciamos a dificuldade que o “Daniel Zanys”, nome de um dos barcos de médio porte que navega transportando passageiros pelos rios da Amazônia, teve para ancorar no Assentamento Nazaré. A atracação deste barco se deu após várias tentativas, denotando uma tarefa difícil para o comandante, principalmente porque a ancoragem se transforma num desafio em época da cheia do rio. Para Oliveira (2008, p.2)

É quase sempre assim que se chega à maioria das cidades ribeirinhas e delas se tem a primeira impressão, que nem sempre fica, pois a concretude de um arruamento caótico, de equipamentos urbanos inexistentes ou inadequados, dá outra impressão dessas pequenas cidades mergulhadas na inércia. Todavia, essa inércia pode ser apenas aparente, pois quase sempre se usam concepções anteriormente formuladas para realidades de um urbano em movimento, enquanto que na Amazônia isso pode não ser encontrado à primeira vista, e talvez nem na última.

Mesmo enfrentando diversos percalços, não subtrai o prazer de uma viagem pelos rios da Amazônia. É a partir do interior dos barcos que temos a visão do cenário paisagístico: rios, casas, florestas, peixes e animas emolduram este cenário. Moreira (1960, p. 51) traz a seguinte contribuição acerca da paisagem: “A paisagem como que permanece igual em quase toda sua extensão, acusando, não obstante a sua admirável exuberância, um traçado por demais simples e uniforme. A desmensurada extensão da área reforça, de maneira impressionante, a pujança e uniformidade do quadro paisagístico.”

No deslocamento o viajante ainda tem a oportunidade de conhecer o Encontro das Águas entre os rios Negro e Solimões, fenômeno natural que faz parte do acervo hidrográfico do Estado do Amazonas, é também ponto turístico que gera renda para o nativo e encanta o turista visitante.

## **2.0 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO PROJETO DE ASSENTAMENTO NAZARÉ**

No item anterior demos ênfase a descrição paisagística que pode ser visualizada no trajeto até comunidade Assentamento Nazaré. Afinal, esta e outras cidades, comunidades ou vilas localizadas à margem dos rios da Amazônia, na sua grande maioria são marcadas pela grandiosidade dos aspectos faunísticos e florísticos desta região.

Embora a grandiosidade seja um destaque quando se fala da Amazônia, a região é composta também por outros aspectos, como por exemplo os aspectos políticos, econômicos e

culturais. Concordamos com Moreira (1960, p. 37) “Mas a Amazônia não é apenas uma área dotada de configuração fisiográfica peculiar, suscetível de ser delimitada à luz deste ou daquele critério; é também – e sobretudo – um imenso potencial econômico

O Projeto de Assentamento Nazaré possui um elemento que a diferencia das demais comunidades ribeirinhas amazônicas: faz parte da política de Reforma Agrária que estabelece a distribuição, de forma legalizada, de terras a famílias de agricultores. É administrado e coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, órgão pertencente ao governo federal.

Do ponto de vista geográfico o Assentamento está localizado a margem esquerda do rio Amazonas. Informações obtidas através do INCRA apontam que os limites políticos e de extensão do Assentamento estão assim demarcados: áreas do exército, o rio Amazonas, terras do próprio INCRA/AM e o imóvel Guajará (vide quadro a seguir). No ato de sua ocupação o Assentamento possuía outro nome, o Sr. José Almiro Barbosa dos Anjos, 74 anos, agricultor aposentado, morador da comunidade e um dos primeiros a receber os lotes de terra no Assentamento Nazaré, revelou que: “o Assentamento inicialmente tinha o nome Fazenda Nova Aliança; deixou de ser fazenda após loteamento e distribuição de terras

A formação da comunidade Assentamento Nazaré, outrora denominada Fazenda Nova Aliança, remonta a década de 1990 quando surgiram os primeiros moradores neste local, em sua grande maioria esses moradores eram oriundos de comunidades vizinhas, como a “Costa do Marimba”, também localizada a margem esquerda do rio Amazonas.

A localização do Assentamento Nazaré está integrada a um composto de comunidades que também estão próximas ao rio Amazonas, dentre elas: Jatuarana,<sup>6</sup> União e Progresso, São Francisco do Tabocal, São Raimundo, São Pedro, Bom Sucesso, recebem a denominação de. Para Trindade Junior *et all*, (2008, p. 38) comunidades ribeirinhas são aquelas que estão “localizadas as margens dos rios, às vezes de grandes rios, seja considerada sua largura, seja levado em conta seu volume de água ou, ainda, o tamanho de seu curso fluvial [...]”

Por se tratar de um assentamento a distribuição dos lotes de terras é severamente administrada pelo INCRA/AM, fato que evidencia controle sobre a inserção e moradia no local, nos registros deste órgão constam que a capacidade total do assentamento é de 121 lotes de terras, (vide quadro abaixo) e que após vistoria feita por técnicos foi constatado que há 98 registros de beneficiários e famílias assentadas<sup>7</sup>. Com distribuição de terra controlada e limitada

---

<sup>6</sup> Fonte: Nova Cartografia Social da Amazônia

<sup>7</sup> Dados obtidos através de informações em mídia oferecidas pelo INCRA/AM

por um órgão fiscalizador, a ocupação desordenada se dá com menos frequência. Nesse sentido, constatamos a presença de um número limitado de famílias na comunidade.

Ato de Criação do Projeto de Assentamento Nazaré	Gleba de Origem	Área do Projeto (Há)	Capacidade do Assentamento (Lotes)	Localização
Portaria nº 113, de 02 de Dezembro de 1998, publicada no dia 14/12/1998.	Imóvel Nazareth, obtido através de compra, de acordo com a Escritura Pública lavrada no L-8, 6º OF/BSB.	2.361,8467	121	Rio Amazonas, município de Manaus/AM.

A ocupação dos espaços a margem dos rios se deu também em função da explosão demográfica nas grandes cidades, ou seja, a migração das populações que antes moravam nos grandes centros urbanos contribuiu para o aparecimento deste fenômeno. Assim, esse efeito migratório mostrou que as populações passaram a ocupar espaços rurais fronteiriços, a margem dos rios, de forma heterogênea e transformadora. “De forma não surpreendente, as transformações urbanas contemporâneas da Amazônia desafiam as teorias tradicionais de expansão e urbanização da fronteira”. (BROWDER e GODFREY, s. a. p. 29)

Esses espaços surgiram, cresceram e se firmaram num processo de apropriação e ocupação nem sempre harmônico. Concordamos que “na Amazônia ribeirinha na maioria das vezes as espacialidades foram impostas, o que não significa reconhecer, de um lado, que estas formas não são homogêneas; de outro, guardam resíduos de relações pretéritas como sinais de resistência.” (OLIVEIRA e SCHOR, 2008, p.19). Implica dizer que o projeto “Assentamento Nazaré”, de certo modo, traduz o discurso atribuído às cidades ribeirinhas, afinal a conquista do Assentamento, nas palavras do Sr. José Almiro Barbosa dos Anjos, “-foi dura, porque a área pertencia a um fazendeiro, ele era o dono de tudo isso aqui”.

Por se tratar de um Assentamento as relações políticas, o modo de relacionamentos com a economia e a dinâmica social desta comunidade ribeirinha diferem das demais, sobretudo por se tratar de uma ocupação de terra amparada pelo viés jurídico. Implica dizer que o assentamento se traduz pela concessão de lotes individuais de terra a um público composto em sua maioria por ex assalariados, nos assentamentos sempre existem uma tensão entre o interesse individual do “recém-proprietário” com as lógicas familiares estabelecidas socialmente em

torno da instalação e as práticas coletivas induzidas pelas políticas públicas ou pelos movimentos sociais pró-reforma agrária.

Quanto a composição de sua infraestrutura, no assentamento existem 06 ruas, ambas não possuem nomes nem cobertura de asfalto e fazem paralelo com o rio Amazonas, porque “a paisagem das cidades ribeirinhas, de uma forma geral, apresenta um traçado de ruas cujo final (ou começo!) é o rio que passa em sua frente”. (OLIVEIRA; SCHOR, 2008, p. 33). Após levantamento constatamos que constam a existência de uma igreja católica, três igrejas evangélicas, uma escola pública municipal, dois poços artesianos -sendo um construído pelo INCRA/AM e outro inaugurado pela administração do município de Manaus com a finalidade de abastecer diretamente a escola com água potável, possui ainda uma mercearia e um campo de futebol. Para Wagley (1988, p. 43) “A igreja, as instituições políticas, o sistema de educação convencional, o sistema comercial e muitos outros aspectos de uma cultura, são muito mais difundidos e mais complexos em sua organização do que parecem quando observados em uma comunidade”.

Sobre o aspecto da cultura citada por Wagley, o campo de futebol é um espaço que estimula a interação e a sociabilidade cultural, pois sempre aos fins de semana e feriados os moradores se reúnem para a prática desse esporte, seja com a finalidade de proporcionar momento de pura descontração, seja para momentos de competitividade inerentes aos torneios entre as comunidades ribeirinhas, o futebol é uma modalidade esportiva que estimula a prática do lazer entre os moradores do Assentamento e entre os que moram nas comunidades adjacentes. No bojo dos elementos culturais não poderíamos deixar de citar a festa da padroeira Nsa. Sra. de Nazaré, festejo que ocorre no mês de setembro e reúne os moradores da comunidade e do entorno.

O atendimento à saúde é um dos dramas na comunidade, notamos ausência de um Posto de Saúde no Assentamento Nazaré, quando os moradores necessitam de atendimento médico emergencial são obrigados a se deslocarem até a comunidade mais próxima: São Francisco do Guajará, com tempo aproximado de meia hora de viagem. Lá existe assistência médica e primeiros socorros, porém em situações de saúde que demandam cuidados e acompanhamento com médico especialista, o morador/paciente é encaminhado imediatamente para a capital, “com efeito dessa situação, constatamos, por um lado, que essas comunidades enfrentam inúmeras dificuldades principalmente para ter acesso a determinados serviços públicos e produtos” (OLIVEIRA, 2008, p. 41)

Trata-se apenas de uma das realidades que as comunidades ribeirinhas enfrentam diariamente, de um lado a precariedade dos serviços públicos, do outro a resistência em

continuar morando nesses lagares onde tudo chega com muita dificuldade. Porém, como assegura Leandro Tocantins, o rio comanda a vida, nas comunidades ribeirinhas o rio é o comandante das pessoas que moram nesses espaços, ele é o caminho, a estrada, é a vida dos povos da floresta.

O aspecto econômico também se faz presente no Projeto de Assentamento Nazaré, verificamos que a principal fonte de renda da comunidade está centralizada no extrativismo. No final da década de 90 o principal meio de subsistência estava centralizado na comercialização do pescado em decorrência da grande abundância de peixes nos rios, lagos e igarapés, principalmente no período da Piracema do Jaraqui.

O senhor José Almiro destacou que: “Era uma época boa professor, nós conseguíamos ganhar um dinheirinho vendendo peixe, às vezes a gente ia vender lá em Manaus. Hoje muita coisa mudou, a pesca no rio é mais pra botar o alimento em nossa mesa, agora o pescador vive do pescado que é tratado em cativeiro, os tempos são outros!” Para Oliveira (2000, p. 22) As relações sociais de produção na Amazônia têm sido produzidas e reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada para possibilitar a expansão do capitalismo que avança, fragmentando-a e homogeneizando-a, estabelecendo condições de controle para inseri-la na escala global.

Além da pesca praticada nos rios, canais e igarapés, Seu Almiro destacou que à escassez de peixe nos rios provocou um fenômeno: a criação de peixes em cativeiro, a piscicultura. Os cativeiros geralmente estão localizados próximos às residências das famílias assentadas ou em lotes terra à elas pertencentes, e tem se mostrado como uma nova prática econômica cultural legalizada no Amazonas. Podemos verificar o trecho da reportagem abaixo que:

Foi aprovada nesta quinta-feira, 5 de maio, no plenário da Assembleia Legislativa do Amazonas (Aeam) o projeto de lei nº 79/2016, que dispõe sobre a criação de peixe em cativeiro no Amazonas, a piscicultura. Na prática, a lei da aquicultura disciplina a atividade à legislação ambiental brasileira, desburocratizando e impulsionando o desenvolvimento da criação de peixe em cativeiro no Estado, cuja legislação era mais rígida em relação a outras localidades do país. A lei vai para sanção do governador José Melo, nesta sexta-feira, dia 6.<sup>8</sup>

Quanto à agricultura, principal atividade econômica da comunidade Assentamento Nazaré, são destaques o cultivo e a plantação de melancia, abacaxi, maracujá, cupuaçu e a mandioca. A mandioca se constitui como principal matéria prima da qual, após labor artesanal, o agricultor obtém como produto final a farinha, é também desta raiz que ele extrai o tucupi e

---

<sup>8</sup> <http://www.amazonas.am.gov.br/2016/05/aprovada-na-aleam-a-lei-que-desburocratiza-a-criacao-de-peixe-em-cativeiro/>

a goma, ingrediente potencial da tapioca e do beiju, iguarias que fazem parte da culinária da Amazônia.

Hoje, em função das transformações econômicas e agrícolas que ocorrem no Brasil é possível afirmar que a farinha é o alimento comercializado que mais representa lucratividade para a comunidade devido à valorização e alta do preço deste produto<sup>9</sup>. Concordamos com Oliveira (2008, p. 34) quando afirma que:

Nessas comunidades, as relações sociais de produção centram-se predominantemente na agricultura, no cultivo da mandioca, sendo a produção da farinha a atividade propulsora da economia, geradora de renda delas. Essa economia não se caracteriza pela lógica de acúmulo do capital, uma vez que se sustenta em bases, predominantemente de subsistência na qual a solidariedade e cooperação constituem seus princípios marcos.

A agricultura é uma prática laboral determinante para o desenvolvimento e a manutenção econômica dos moradores do Assentamento Nazaré. A realização da colheita e em seguida seleção dos produtos para a venda impulsiona a economia do local, ao mesmo tempo amplia os laços de negócio e sociabilidade entre os envolvidos. Afinal,

Pretensamente a Amazônia representa menos um desafio à nossa inteligência pelos mistérios do seu solo, de sua flora ou de sua fauna do que um desafio à capacidade de trabalho e de empreendimento pelos estímulos e interesses que nos suscitam as suas possibilidades econômicas, orientados que devem ser esses estímulos e interesse num sentido nacional (MOREIRA, 1960, p. 38)

Nessa perspectiva, o trabalho se mostra como elemento da cultura, ele fomenta o fortalecimento das relações e os desafios econômicos e sociais, possui relevância como mediador no processo de transformação da sociedade. É importante destacar que a cultura promove ações e os valores que o homem elege como instrumento de legitimação política e social no espaço que habita.

Enfim, no Projeto de Assentamento Nazaré se entrelaçam as raízes das tradições socioculturais (por exemplo, a festa da padroeira Nsa. Sra de Nazaré), a presença da natureza, (o rio, a floresta, os animais), com as transformações que ocorrem na Amazônia contemporânea, isso porque “O rio não é mesmo, a Amazônia não é a mesma e nós não somos os mesmos. O

---

<sup>9</sup> De acordo com matéria exibida no programa Studio I, Globo News, edição de 11/04/2012, após período da seca na região amazônica, a farinha teve aumento percentual de 150% nos últimos 12 meses, chegando a ser comercializada no Amazonas e no Pará a preços que oscilam entre R\$ 8,00 e R\$ 12,00. Para a comentarista de economia a farinha é dos produtos responsáveis pelo salto da inflação nos respectivos Estados.

que ocorreu foram transformações importantes que determinam um novo tempo, um tempo de mudança.” (OLIVEIRA, 2000, p.24)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo científico acerca do Projeto de Assentamento Nazaré tivemos o cuidado de apresentar uma breve descrição sobre algumas especificidades desta comunidade localizada a margem esquerda do rio Amazonas cuja área é administrada e controlada pelo INCRA.

As observações apresentadas revelam alguns dos problemas enfrentados pelas comunidades que estão localizadas a margem dos rios do Amazonas, como por exemplo, a precariedade no atendimento à saúde e a dificuldade na obtenção de renda, elemento indispensável na manutenção e sustento econômico das famílias que moram no Assentamento. Esta dificuldade foi provocada pela escassez de peixes no rio Amazonas, entretanto e o surgimento da criação de peixes no cativeiro aqueceu a economia local.

Vimos que o fornecimento de energia elétrica chegou à comunidade em 2008 através do “Programa Luz para Todos” do Governo Federal. Apraz dizermos que este benefício trouxe significativa mudança no regime de comportamento econômico e sociocultural dos moradores, evitando o desperdício de alimentos e oportunizando informação e entretenimento com a chegada dos meios de comunicação, sobretudo da televisão.

Sobre esse assunto o Sr. José Almiro argumentou: *“Trouxe um grande benefício para nós professor! Antes salgávamos o peixe para não estragar, hoje a gente coloca no freezer pra comer no outro dia ou no dia que quiser e também pra vender quanto tem muito. A renda melhorou, meu irmão junta 4 meses a poupa de maracujá e vende a R\$ 4,00 reais o quilo, o vizinho ali ta cultivando peixe em viveiro, ele congela e vende também, tudo melhorou com a chegada da energia.”*

A literatura estudada e os debates provocados em sala de aulas contribuíram para ampliação do nosso olhar acerca da composição, surgimento, das relações e da dinâmica sociocultural presente nas comunidades que formam, junto com a Natureza, o cenário paisagístico amazônico, como é o caso do Projeto de Assentamento Nazaré, tema deste artigo.

Portanto, ressaltamos que o referido Projeto de Assentamento possui diversas características, sobretudo do ponto de vista e dos arranjos político que nele se constituíram. Entretanto, por estar inserido num contexto diverso, a margem do rio, sofre as influencias das transformações engendradas no Brasil e conseqüentemente na Amazônia.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Renata Malcher de. **As cidades da Amazônia no século XVIII** - Belém, Macapá e Mazagão. Porto: Universidade do Porto, 1998.

BROWDER, John O; GODFREY, Brian J. **Cidades da Floresta**: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia brasileira. Trad. Gisele Vieira Goldstein com colaboração de Joscilene Souza. Manaus: EDUA, s.a.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 19. ed. Rio de Janeiro: J.O, 1987.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia, o conceito e a paisagem**. Rio de Janeiro: Coleção Araújo Lima, 1960.

OLIVEIRA, José Aldemir; SCHOR, Tatiana. **Das cidades da natureza à natureza das cidades**. In: Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Oliveira Junior e Maria Goretti da Costa Tavares (orgs.). Belém: EDUFPA, 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades na Selva**. Manaus: Valer, 2000.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Cartografias ribeirinhas**: saberes e representações sobre práticas de alfabetizando amazônidas. 2. ed. Belém: UEPA, 2008.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**. Trad. De Clotilde da Silva Costa. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.